

# Uma vassoura para remar: cruzando fronteiras pelo trabalho doméstico

Danilo Piermatei<sup>1</sup>

Luisa Günther<sup>2</sup>

Sou dono de casa desde sempre. Aprendi com minha mãe os verbos varrer, lavar e passar ainda criança. Em nosso lar, as tarefas domésticas eram distribuídas entre os familiares estabelecendo um trabalho por cooperação que permitia que mãe e pai trabalhassem fora. Sendo assim, não havia ali uma distinção por gênero ou renda que determinasse as atribuições do serviço doméstico. Dessa maneira, ao atender simultaneamente às demandas do trabalho e da família, modificamos nessa casa os padrões pré-determinados culturalmente a homens e mulheres.

A ruptura com esses códigos de conduta e as liberdades adquiridas nos tempos modernos trouxeram mudanças importantes nas relações das mulheres com suas famílias e com o mundo. Aos poucos, o serviço doméstico parece deixar de ser uma tarefa atribuída exclusivamente para as mãos femininas. No entanto, vale ressaltar que a divisão do trabalho ainda é um tanto injusta, pois muitas mulheres, no acesso de suas liberdades, adquirem jornadas duplas de trabalho: a do emprego e a da casa. A manutenção de um sistema socioeconômico, segundo Bourdieu (apud. CERTEAU, 1998, p. 125), se dá por um processo de interiorização e exteriorização dos códigos culturais, perpetuado por hábitos que são transmitidos, assimilados e reproduzidos. Mas é no cotidiano que se escapa à ordem estabelecida. No fazer dos dias, driblamos os desafios da vida e por vezes invertemos as relações de força entre a cultura dominante e a domesticada com “mil maneiras de desfazer o jogo do outro”

---

<sup>1</sup> Danilo Piermatei – dono de casa e mestrando Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV UnB.

<sup>2</sup> Luisa Günther – Instituto de Artes – IdA UnB.

(CERTEAU, 1998, p. 85). Seguir ou não os padrões de comportamento, cabe à liberdade que cada cultura permite, como também à confiança que cada indivíduo tem em atravessar os seus limites, os contornos familiares, as paredes que separam os papéis conforme um gênero ou as divisas entre o que é público e o que é privado. Ultrapassar essas fronteiras é, de certa forma, arriscar-se em desafiar aquilo que nos restringe ou governa e permitir novos encontros ao lançar-se no mundo à deriva e poder admirar o canto das sereias. O destino final não importa tanto quando a paisagem que adentra a viagem, seja ela monótona ou deslumbrante, se faz uma experiência viva. Difícil descrever, há que se vivenciar! Nessa navegação “a narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o lugar aonde ele é chamado para acontecer, acontecimento ainda por vir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar, também ela, realizar-se” (BLANCHOT, 2005, p.8).



Figura 1. Faxinate – Coordenadas Cadentes. Arquivo pessoal

## Posso entrar?

Há alguns anos, em busca de novas paisagens, lancei-me à deriva. Passei por muitas casas e, de cozinha em cozinha, fui conhecendo gente nova. Pessoas de diversas origens, sotaques e hábitos habitaram minhas casas – casas que não são minhas, mas que nos pertenceram enquanto ali vivemos. Também morei só. Nesse conviver, aprendi com os outros e aprendi comigo mesmo. Trouxe para as minhas casas o lavar e passar. Levei deles algumas receitas e (re)aprendi a cozinhar.

Sou uma moradia compartilhada, de casa alugada e quarto emprestado. Amigos, parentes e viajantes que aqui passam, descansam e prosseguem. E comem frutas e fazem suco. Na deriva, torno-me ilha. Na medida em que habito minhas casas dedico ali o meu trabalho e apanho delas poesia. O afastamento, de vez em quando, é necessário para que se possa reencontrar a própria essência. Da mesma forma, varrer a ilha, digo, arrumar a casa, quando se está só, pode ser um exercício de reflexão. Enquanto estamos isolados, nos limitamos às nossas fronteiras, evitando o encontro com o desconhecido ou o indesejado. Por garantia, alguns colocam até mesmo a vassoura atrás da porta. Mas quando os pés tocam a água, atravessa-se a margem, e a margem também nos atravessa, invadindo em ondas. Esse vai e vem nos ensina que “é preciso ocupar-se quando está separado, é preferível separar-se quando se quer recriar” (DELEUZE, 2014 p. 18). Creio que eu não esteja em uma ilha deserta agora.

Morei em uma casa em que não se trancava a porta da frente. Entrávamos e saímos sem as chaves e achava um pouco estranho até me acostumar a despreocupar com isso. Foi quando entendi que lá não havia nada de mais valioso que a nossa convivência. Ali moramos muitos e recebemos também tantos outros visitantes que deixaram lá seus tesouros, preciosa presença. A porta aberta é um convite a deixar-se habitar.



Figura 2. Faxinate – Coordenadas Cadentes. Arquivo pessoal

As narrativas, por vezes, precisam de pausas. Lugares de pouso para uma noite de descanso, para um tempo de leitura, para abrigar do sol, beber água e assim prosseguir. Seria nossa casa então uma cabana? Minha primeira morada no planalto central foi de fato uma barraca de acampar. Segui acampando outras casas, mas levando pelo meu nomadismo rodo e vassoura. Assim também, ao encontrar um assentamento para a vida errante, a humanidade foi transformando o abrigo ao longo da história, aperfeiçoando o habitar pelas trocas de experiências, como observa Gilles Tiberghien ao abordar as relações entre arte, arquitetura e paisagem. Diferentemente da casa, a cabana enquanto refúgio temporário é uma “potência de deslocamento” (Thiberghien, p. 237, 2003).



Figura 3. Faxinate – Coordenadas Cadentes. Arquivo pessoal

## Voltem sempre!

O serviço doméstico tornou-se assunto de meu interesse para a produção poética quando percebi a minha intimidade com esse trabalho. Ao navegar pela vida, entendi que o por fazer da casa é parte da minha história e também das histórias da minha mãe, irmã, avó, das tias e amigas. O saber fazer é ensinado pelo cotidiano, em sua vivência prática e compartilhado por aqueles que estão no mesmo barco. Ao habitar tantas outras casas em minha jornada, pude compreender pelas referências diversas, trazidas pelos meus colegas de bordo, que é possível viver de tantos outros modos. Alguns gostam de lavar a louça logo após o uso, outros deixam acumular no bojo da pia para limpar depois da sesta, talvez. Alguns separam o lixo, outros não o recolhem. Alguns faxinam só, outros juntos. Aprendi pelas diferenças a conviver e também a perceber minha própria ilha.



Figura 4. Faxinarte – Coordenadas Cadentes. Arquivo pessoal



Figura 5. Faxinarte – Coordenadas Cadentes. Arquivo pessoal

Enquanto lavo, passo e cozinho, aprecio nessas tarefas, pelas imagens que me fornecem, a experiência do viver. Tento repassar um pouco do que eu aprendo a partir das minhas fotografias, desenhos e pinturas ou do meu gesto. Decidi então repartir com aqueles que ainda não habitaram minhas casas sobre o meu trabalho e os convidei para uma faxina coletiva, durante o evento Coordenadas Cadentes. A proposta foi lançada: uma “limpança” coletiva no lar alheio. Chegaram lá por volta de 11:30, em um final de semana de dezembro, quinze caminhantes que entraram pela porta dos fundos. Um(a) a um foram enchendo a cozinha, recebidos com um balde recheado dos instrumentos necessários para a ação (detergentes, escovas, flanelas, panos de chão) e um varal em que estavam pregados panos de limpeza nas cores azul e rosa. As instruções estavam afixadas na geladeira e foram comunicadas aos participantes: o trabalho é voluntário e as tarefas de livre escolha.

Em torno de uma hora um mutirão auto-organizado varreu a casa, tirou o pó, regou as plantas, organizou as estantes e o guarda-roupa, dobrou as roupas, lavou o banheiro, lavou a louça, fez o almoço ouvindo música. Posso limpar aqui? Aos poucos fomos cruzando fronteiras, nos misturando e trombando pela casa a fora. Suor. No pequeno caos, cada um encontrou seu lugar e assim se fez a faxina. Teve quem trouxe o próprio detergente e desencardiu o tanque. Choraram ao partir a cebola. Ah, o (co)laborar! Tentei cruzar minha própria fronteira e apenas observar, nada fazer. Mas não fui ilha, estive junto. Nós, os anfitriões, preparamos um singelo almoço – arroz, caruru e frango – acompanhado de salada e suco fresco feito pelos voluntários como retribuição e agradecimento aos faxinantes. Comemos juntos, sentados ao chão, registramos na memória o “faxinarte” e prosseguimos viagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. O canto das sereias: o encontro imaginário. In: **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELUZE, Gilles. Causas e razões das ilhas desertas. In: **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

TIBERGHIEU, Gilles A. A cabana. **Revista Concinnitas** 4. Rio de Janeiro: IART/UERJ, v. 4, n. 4, p. 227-242, março 2003.